

TE 385

Quando as Máquinas Param

BR.TBES. C.456

10

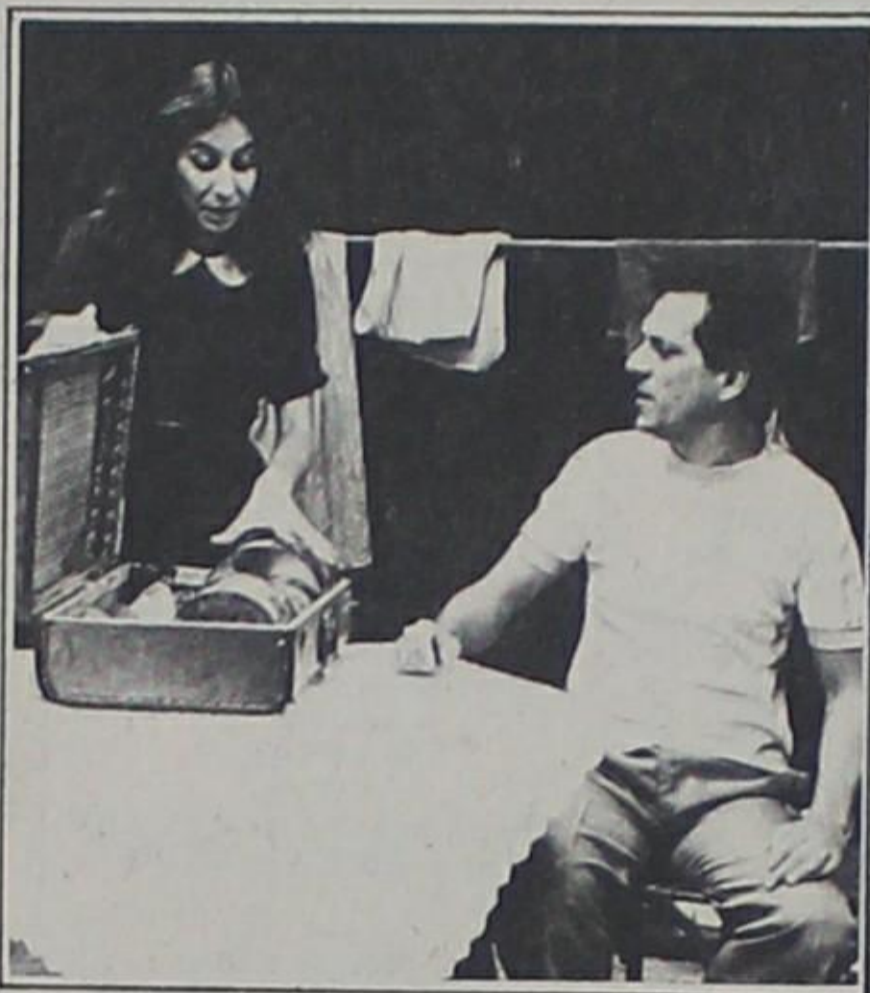
A GAZETA — VITÓRIA (ES), SÁBADO, 21 DE JULHO DE 1984

## teatro

## “Quando as Máquinas Param” continua no Carlos Gomes

**Q**UANDO AS MÁQUINAS PARAM (às 21 horas, até domingo, no Teatro Carlos Gomes. Preços: Cr\$ 3 mil, inteira; Cr\$ 2 mil, estudante e Cr\$ 1.500,00, trabalhador sindicalizado) — Peça de Plínio Marcos. Montagem do grupo local Geração. Direção de Luiz Tadeu Teixeira. Elenco: José Augusto Loureiro e Beth Caser. Cenário de Maurício Silva. Produção de Antonio Alaerte. Assistente de produção: Américo Machado. Contra-regra: Maria Elza. Fotografias de Marco Antônio Coutinho.

Este espetáculo, que voltará ao cartaz nos dias 26, 27, 28 e 29 próximos, estreou a nível estadual na semana passada em Cachoeiro de Itapemirim, atraindo cerca de trezentas pessoas ao cineteatro Broadway, em promoção da Prefeitura local. A montagem foi desenvolvida através de ensaios abertos seguidos de debates em bairros da periferia da Grande Vitória, dentro do projeto que o Departamento Estadual de Cultura chamou de Circuito Cultural Sindical e que contou com a participação de líderes sindicais. Os debates eram feitos em torno de um dos temas principais da peça, o desemprego, que nunca esteve tão atual neste país. Ao mesmo tempo o grupo observava as reações e, às vezes, a participação do público para incorporar novos elementos ao espetáculo.



Beth Caser e José Augusto Loureiro em Quando as Máquinas Param

Luiz Tadeu lembra a história de *Quando as Máquinas Param* em relação ao público capixaba, contando que, em 1969, foi apresentada uma montagem na Escola Técnica Federal do Espírito Santo, com Ginaldo de Souza e Vera Vianna no elenco. “Era o terceiro contato do nosso público com o Teatro de Plínio Marcos em menos de um ano. As duas anteriores também foram apresentadas no mesmo local. Primeiro, *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, com o falecido Paulo Graça (Mello) e Roberto Pirilo. Logo depois teríamos a primeira montagem capixaba de um texto de Plínio Marcos, *A Navalha na Carne*, projeto do Grupo Praça Oito, tendo Gley Coutinho, Gerson Von Randow e Luiz Denaday no elenco”.

### Em Guarapari, “Romão e Julhinha”

**ROMÃO E JULHINHA** (hoje e amanhã, às 16h30m, no Centro de Convenções de Guarapari) — Peça infantil de Oscar Von Pfuhl. Montagem do Grupo Ato e Cena de Teatro Amador. Direção geral e sonoplastia de Telma Amaral. Iluminação de Alvaro Gonçalves. Cenário do grupo. Figurino de Lunamar Gonçalves. Elenco: Osmar Batista (Romão), Kátia do Amaral (Julhinha), Eliedson Rangel (Rei), Luhamar Gonçalves (Bufão/ministro), Gérson Saraiva (Amarildo), Maria das Graças Trade (trovador/Arabela), Zaine Silva Rezende (Marquês/cozinheiro), Delcimara de Oliveira (guarda Arauto), Francisco Bastos (conde), Delma Silva Dias (condessa) e Andréa Trade Cristóforo (marquesa).

Esta é a história dos gatos brancos — a

nobreza, e os gatos amarelos — a plebe. Romão, um gato amarelo, apaixona-se pela princesa Julhinha, filha do Rei Gato Branco, um rei que só pensa em comer peixes.

O autor da peça, Oscar Von Pfuhl, tem grande experiência em teatro. Começou escrevendo para teatro de fantoches e, durante alguns anos, escreveu roteiros para televisão e tem alguns livros publicados, com traduções no exterior. Tem procurado, em sua obra, trazer para o nível da compreensão infanto-juvenil temas políticos e sociais de âmbito universal, como a guerra e a paz, a busca da liberdade, a posse e o uso da terra. Escreveu *A História e as Estórias de Chapeuzinho Vermelho*, *As Beterrabas do sr. Duque*, *A Árvore que Andava*,

Assim como fez agora com o Grupo Geração, retardando a estréia de *Quando as Máquinas Param*, Plínio Marcos acabou frustrando (via SBAT, sociedade que cuida de direitos autorais) a temporada de *A Navalha na Carne*, em sua terceira apresentação, alegando tratar-se de “um grupo amador”.

Mas Tadeu fala de outro tipo de impedimento. “O país mergulharia numa turbulência política ainda mais acentuada e a Censura proibiria a peça em todo território nacional. Em dezembro de 1968 desabara sobre o país o AI-5, sufocando artistas e a própria sociedade brasileira, mergulhando nossa cultura numa longa noite de tormentos”.

Plínio Marcos sempre foi um autor competente e, por isso mesmo, perseguido pela ditadura militar. O Grupo Geração hoje está usando uma frase antiga de Dom Helder Câmara: “O Teatro de Plínio Marcos tem a força de 10 sermões: nos atinge como um soco no estômago”. A linguagem virulenta, contundente, impregnada de denúncia social, lembra Luiz Tadeu, incomodava sobretudo “aos algozes da nossa cultura e se tornavam um dos seus principais alvos”.

O diretor da atual montagem explica: Montar *Quando as Máquinas Param* hoje, em Vitória, nos obrigou, primeiramente, a provar para o Plínio que teremos para com sua peça o cuidado **profissional** (o grifo é dele) que ela merece. *As Máquinas* tem uma ação à flor da pele. Trata do desemprego e de suas implicações no cotidiano de um casal, classe média-baixa, instalado na periferia de São Paulo, nos anos 65-66. Além do aspecto humano, que lhe dá um vigor excepcional, a peça nos permite ampliar a nossa visão sobre uma fase particularmente crítica da nossa História, com fortes apelos sociais e políticos”.

**Um Elefantinho Incomoda Muita Gente, Um Lobo na Cartola e Dom Chicote Mula Manca.**

A diretora da montagem, Telma Amaral, antes de se transferir para Guarapari, dirigiu por seis anos o Grupo Arco-Iris, de Teatro Amador. Já dirigiu anteriormente as peças *O Sonho do Coelhoinho*, de sua autoria; *Papai Noel e Os Bonecos Falantes*, *Transe* (de Ronald Radde), *Na Fantasia do Reino Infantil*, de sua autoria, *Os Palhaços da Fuzarca*, *O Grilo que Queria Ser Forte, B... em Cadeiras de Rodas* (de Ronald Radde), *As Desgraças de uma Criança*, de Martins Penna e *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Ministrou ainda vários cursos em cidades mineiras.